

**IBRABA**

Instituto Brasileiro de ABA

**TRATADO INTEGRADO DE  
INTERVENÇÃO PRECOCE E  
PRÁTICA AVANÇADA EM ABA**

Volume III: Protocolos de Avaliação e Manejo de  
Comportamentos Interferentes  
(Capítulos 5 e 6)

Hub Operacional e de Desenvolvimento Científico

CNPJ: 48.519.025/0001-22

## AULA 5 – PROTOCOLOS DE AVALIAÇÃO: VB-MAPP E ABLLS-R

---

A estruturação de um Plano Educacional Individualizado (PEI) ou de um plano terapêutico clínico de alta performance na ciência ABA depende da escolha de ferramentas de rastreamento robustas, com validade interna e ecológica reconhecidas internacionalmente. No campo dos transtornos do neurodesenvolvimento, o profissional afasta-se de avaliações globais e arbitrárias, utilizando protocolos de marcos de desenvolvimento e mapeamento de barreiras para delimitar as exatas micro-habilidades preservadas e deficitárias do indivíduo.

Dois dos principais instrumentos mundiais adotados pelo Instituto Brasileiro de ABA (IBRABA) são o VB-MAPP (\*Verbal Behavior Milestones Assessment and Placement Program\*) e o ABLLS-R (\*Assessment of Basic Language and Learning Skills - Revised\*). Ambos são estruturados sob a perspectiva skinneriana do comportamento verbal, compreendendo a linguagem não como uma faculdade interna cognitiva abstrata, mas como um comportamento operante mediado socialmente e categorizado em unidades funcionais independentes denominadas operantes verbais.

Esta aula visa esmiuçar a engenharia técnica de aplicação, interpretação e desdobramento desses protocolos em metas curriculares, capacitando o pós-graduando a estruturar dados de base sólidos para fundamentar tomadas de decisão clínicas precisas.

### Caixa explicativa 1 – Ideia central da aula

Os protocolos VB-MAPP e ABLLS-R traduzem o desenvolvimento infantil em micro-habilidades operantes observáveis. Sua correta aplicação clínica permite isolar déficits específicos na linguagem e barreiras de aprendizagem, transformando resultados numéricos em currículos terapêuticos individualizados.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Partington (2010), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

## O Mapeamento Skinneriano do Comportamento Verbal

Antes de empunhar o VB-MAPP ou o ABLLS-R, o analista do comportamento deve dominar os operantes verbais descritos por B. F. Skinner em 1957. A linguagem não se reduz à topografia (o som da palavra emitida); sua essência reside na função e nas variáveis de controle antecedentes e consequentes. Uma criança pode ser capaz de repetir a palavra "bola" (operante ecoico), mas ser totalmente incapaz de pedir uma bola quando está privada dela (operante mando) ou de nomear uma bola ao visualizá-la no ambiente físico (operante tato).

O VB-MAPP (desenvolvido por Mark Sundberg) divide o desenvolvimento infantil típico de 0 a 48 meses em 170 marcos distribuídos em três níveis etários. Além dos operantes primários (mando, tato, ecoico e intraverbal), o protocolo mapeia habilidades de ouvinte, performance visual, brincar independente, pareamento e comportamento social. O ABLLS-R (desenvolvido por James Partington) amplia esse escopo, avaliando 25 áreas curriculares com foco nas habilidades básicas necessárias para que o sujeito aprenda de forma autônoma a partir de suas interações cotidianas familiares e escolares.

**[IMAGEM 5.1: MATRIZ DE MARCOS DO VB-MAPP]**

Representação visual das três faixas etárias do VB-MAPP e os blocos de sub-habilidades funcionais mapeadas na avaliação do IBRABA.

**Tabela 1 – Comparação técnica entre os protocolos VB-MAPP e ABLLS-R**

<b>Critério Analítico</b>	<b>VB-MAPP (Sundberg, 2008)</b>	<b>ABLLS-R (Partington, 2010)</b>	<b>Direcionamento Clínico IBRABA</b>
Foco do Instrumento	Mapeamento de marcos de desenvolvimento verbal e barreiras de aprendizagem.	Avaliação de habilidades básicas de linguagem, autonomia e aprendizagem.	O VB-MAPP foca em linguagem inicial; o ABLLS-R estende-se a habilidades acadêmicas.
Estrutura Curricular	170 marcos divididos em 3 níveis (0-12, 12-24 e 24-48 meses).	544 habilidades distribuídas em 25 áreas curriculares independentes.	O VB-MAPP oferece uma régua de marcos desenvolvimentistas; o ABLLS-R oferece uma matriz detalhada.
Mapeamento de Barreiras	Possui subprotocolo específico para avaliar 24 barreiras de aprendizagem.	Mapeia barreiras diluídas nas seções de cooperação e tolerância.	O VB-MAPP é superior para isolar o que ativamente impede a criança de aprender.
Indicação de Uso	Crianças na fase inicial de linguagem verbal ou não verbal.	Indivíduos de qualquer idade que necessitam de treino de autonomia e repertório básico.	Selecionar o protocolo conforme o nível de suporte e a linha de base funcional.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Partington (2010) e IBRABA (2026).

**A Rigorosa Escolha de Critérios Técnicos vs. Checklists Genéricos**

No mercado terapêutico convencional, proliferam "checklists de autismo" criados de forma assistemática, sem controle de estímulos e sem embasamento na literatura do comportamento verbal.

Esses instrumentos falham por avaliar a linguagem como uma estrutura fixa unitária, baseando-se em perguntas ambíguas como "a criança fala?". Na ciência ABA do IBRABA, essa pergunta é considerada tecnicamente inócua. O analista precisa saber sob quais contingências a fala ocorre: se sob controle de privação (mando), de estímulos não verbais (tato) ou de estímulos verbais sem correspondência ponto a ponto (intraverbal).

Utilizar avaliações genéricas e improvisadas induz a equipe ao erro crônico de tentar ensinar operantes complexos (como a conversação intraverbal) para indivíduos que ainda não consolidaram repertórios de mando ou imitação motora básicos. O resultado é a frustração do aprendiz, a estagnação do tratamento e a eclosão de comportamentos desafiadores.

### Caixa explicativa 2 – A ilusão das listas de checagem leigas

Avaliar o autismo por listas genéricas oculta as exatas barreiras funcionais do indivíduo. A aplicação dos protocolos VB-MAPP e ABLLS-R exige formação técnica para operacionalizar os estímulos e garantir fidelidade psicométrica.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Partington (2010), Hume et al. (2021) e IBRABA (2026).

## Tabela 2 – Diferença entre avaliação funcional de linguagem e checklists diagnósticos

Dimensão Avaliativa	Avaliação Funcional Avançada (VB-MAPP/ ABLLS-R)	Checklists Diagnósticos Genéricos
Natureza da Linguagem	Comportamental e funcional, dividida em operantes independentes.	Estrutural e formal (foco na gramática ou vocabulário passivo).
Geração de Metas	Alinhada automaticamente com os marcos deficitários do teste.	Subjetiva, pautada no que o avaliador supõe ser importante.
Rastreamento de Barreiras	Mapeia variáveis ativas como dependência de dicas ou controle instrucional falho.	Ignora as causas ambientais que impedem a aquisição das habilidades.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Partington (2010) e IBRABA (2026).

## Elementos Cruciais para o Planejamento Curricular Avançado

A transição dos dados numéricos coletados nos protocolos para o desenho do PEI exige que o analista compreenda o equilíbrio entre as habilidades. Uma criança com pontuação máxima em performance visual (Nível 2), mas com pontuação zero em mandos e comportamento social,

apresenta um desenvolvimento em "dentes de serra". O currículo desenhado pelo IBRABA deve focar no preenchimento dessas lacunas desenvolvimentistas para restabelecer a harmonia funcional.

### Tabela 3 – Variáveis críticas para a aplicação fidedigna dos protocolos

Parâmetro de Aplicação	Definição Operacional Técnica	Erro a Ser Evitado na Prática	Efeito no Resultado
Testagem Direta	Apresentação controlada do estímulo discriminativo para extrair a resposta.	Aceitar relato dos pais em marcos que exigem observação empírica.	Superestimação do repertório real da criança.
Controle de Dicas	Abstência absoluta de suportes físicos, gestuais ou verbais durante a avaliação.	Apontar sutilmente para o item correto ao pedir discriminação de ouvintes.	Corrupção do dado por dependência oculta de dicas.
Análise de Barreiras	Pontuação de 0 a 4 para medir a gravidade dos entraves à aprendizagem.	Ignorar a ecolalia ou a autodesregulação durante a testagem.	Construção de currículos pesados que a criança não consegue processar.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Partington (2010) e IBRABA (2026).

#### Caixa explicativa 3 – A armadilha da dependência de dicas

O maior erro na aplicação do VB-MAPP é o fornecimento inadvertido de dicas pelo avaliador. Se a criança responde sob controle da dica gestual e não do comando verbal, o dado de ouvinte é falso, invalidando a linha de base.

Fonte: Adaptado de Sundberg (2008), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

### Estudo de caso clínico

Murilo, 3 anos e 2 meses, diagnosticado com TEA Nível 2 de suporte, foi submetido à avaliação inicial no IBRABA utilizando o protocolo VB-MAPP. A queixa principal dos pais residia no isolamento e na eclosão de agressões físicas (bater nos adultos) quando desejava acessar alimentos ou brinquedos. Na avaliação de marcos do Nível 1, Murilo atingiu pontuação máxima em ecoico e imitação motora. Contudo, na área de mandos e tatos, obteve pontuação zero. Murilo não usava as palavras de seu repertório fonético para solicitar itens ou nomear objetos no ambiente; sua fala consistia em ecolalias imediatas e tardias sem função comunicativa ativa.

O subprotocolo de Barreiras de Aprendizagem indicou uma pontuação de 4 (barreira severa) em dependência de dicas e comportamentos interferentes. A análise funcional demonstrou que as

agressões ocorriam devido à ausência do operante mando: Murilo agredia para forçar o adulto a adivinhar suas necessidades e entregar os tangíveis.

Com base nos dados do VB-MAPP, a equipe do IBRABA barrou o ensino de metas acadêmicas complexas e estruturou um PEI focado na transferência de controle de estímulos: utilizando a imitação e o ecoico preservados como dicas temporárias para ensinar os primeiros mandos vocais funcionais. Em quatro meses de intervenção intensiva, Murilo preencheu as lacunas do Nível 1 do VB-MAPP, desenvolvendo uma taxa estável de 25 mandos independentes por dia, o que reduziu as agressões físicas a níveis próximos de zero.

**Tabela 4 – Matriz curricular baseada no VB-MAPP: Caso Murilo**

Área de Déficit (Marcos)	Barreira Identificada	Objetivo Curricular Individualizado (PEI)	Procedimento de Ensino (ABA)
Mando: Pontuação 0 (Nível 1).	Dependência de dicas e comportamento disruptivo severo.	Emitir 5 mandos vocais independentes por dia para itens desejados.	Procedimento de transferência de controle de estímulos (Ecoico para Mando).
Tato: Pontuação 0 (Nível 1).	Ecolalia imediata (reprodução mecânica de sons).	Nomear 10 itens familiares ao ser exposto ao objeto físico real.	Ensino por Tentativas Discretas (DTT) com esvaecimento rápido de dicas ecoicas.

Fonte: Relatórios de mapeamento curricular da Hub IBRABA (2026).

## Questões reflexivas

1. O que postula a abordagem de B. F. Skinner sobre o comportamento verbal e como ela se diferencia da visão linguística tradicional?
2. Explique a estrutura organizacional do VB-MAPP e descreva a função do subprotocolo de Avaliação de Barreiras.
3. Por que o fenômeno do desenvolvimento em "dentes de serra" exige cautela no planejamento do PEI pelo analista do comportamento?
4. No caso de Murilo, de que forma a imitação motora e o ecoico preservados foram utilizados para remediar o déficit completo na área de mandos?
5. Descreva o erro metodológico de basear metas interventivas em ABA a partir de checklists diagnósticos genéricos.

## Gabarito comentado

1. Skinner conceitua a linguagem como comportamento operante selecionado por consequências ambientais e mediado por outra pessoa (comportamento verbal). Diferencia-se da visão tradicional por focar na função e nas contingências mantenedoras da fala, rejeitando explicações mentalistas e formais.

2. O VB-MAPP organiza-se em três níveis desenvolvimentistas baseados em marcos etários de 0 a 48 meses. O subprotocolo de barreiras mapeia 24 entraves clínicos e comportamentais (ex: dependência de dica, autoestimulação) que competem diretamente com a aquisição de novas habilidades adaptativas.

3. O desenvolvimento em dentes de serra indica que o aprendiz possui habilidades avançadas em certas áreas isoladas (ex: performance visual), mas falhas graves em bases primárias (ex: social e mandos). Tentar avançar o currículo sem preencher as lacunas básicas consolida barreiras e gera desregulação.

4. A equipe do IBRABA usou a imitação e o ecoico como dicas iniciais controladas: ao apresentar o item desejado pelo qual a criança estava motivada (OM), o terapeuta emitia a dica ecoica (ex: "fale bola"); quando Murilo repetia o som (ecoico), o item era entregue. Gradualmente, a dica vocal foi retirada até que o objeto sozinho evocasse o pedido autônomo (mando).

5. Checklists genéricos avaliam apenas a forma estrutural da linguagem (fala expressiva e receptiva abstratas), falhando em discriminar os operantes independentes skinnerianos. Isso impede a identificação exata das falhas de controle de estímulos e leva à criação de programas inadequados.

## Fechamento didático

A aplicação criteriosa dos protocolos de avaliação baseados no comportamento verbal estabelece os fundamentos empíricos do planejamento clínico. Dominar o VB-MAPP e o ABLLS-R permite ao especialista do IBRABA desenhar rotas de ensino sob medida, respeitando as potencialidades e mitigando com precisão as barreiras do indivíduo no espectro.

Uma vez traçado o currículo, o analista deve estar preparado para lidar com as intercorrências comportamentais que desafiam o progresso, tema que será abordado detalhadamente no capítulo seguinte sobre o Manejo de Comportamentos Interferentes.

## Referências Bibliográficas

Partington, J. W. **The assessment of basic language and learning skills - revised (ABLLS-R)**. Walnut Creek: Behavior Analysts, 2010.

Skinner, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

Sundberg, M. L. **Verbal behavior milestones assessment and placement program (VB-MAPP)**.  
Concord: AVB Press, 2008.

---

## AULA 6 – MANEJO DE COMPORTAMENTOS INTERFERENTES

---

O aparecimento de comportamentos desafiadores ou interferentes — tais como agressões físicas direcionadas a terceiros, condutas autolesivas severas, destruição de patrimônio, birras disruptivas prolongadas e estereotípias motoras disfuncionais — constitui a barreira mais complexa para o neurodesenvolvimento e inclusão da pessoa com TEA. Na ciência ABA, a abordagem dessas manifestações rejeita qualquer viés punitivo, empírico ou arbitrário, sustentando-se obrigatoriamente na determinação da função operante do comportamento através do processo de Avaliação Funcional.

Para o especialista do Instituto Brasileiro de ABA (IBRABA), o comportamento desafiador não é uma consequência inevitável do diagnóstico biológico do autismo, nem o reflexo de um temperamento intencionalmente hostil. Trata-se de um comportamento operante adaptativo que foi selecionado e solidificado por sua história de reforçamento. Modificar essa conduta exige alterar as variáveis ambientais que a evocam e a mantêm no cotidiano do sujeito.

Esta aula abordará a tipificação das funções operantes, a execução da análise funcional e as estratégias contemporâneas baseadas no reforçamento diferencial e na manipulação de antecedentes ecológicos.

### Caixa explicativa 1 – Ideia central da aula

Os comportamentos interferentes são mantidos por consequências ambientais previsíveis. O manejo ético e eficaz proíbe a supressão aversiva arbitrária, exigindo a identificação da função operante (atenção, tangível, fuga ou automática) e o ensino de respostas alternativas funcionais.

Fonte: Adaptado de Iwata et al. (1994), O'Neill et al. (2015), Cooper, Heron e Heward (2020) e IBRABA (2026).

### As Quatro Funções Primárias do Comportamento Operante

A literatura científica comportamental estabelece de forma categórica que as respostas emitidas por um organismo são mantidas por um ou mais de quatro arranjos consequenciais básicos. O primeiro é o **\*\*Acesso a Tangíveis\*\*** (reforçamento positivo social/material), onde o comportamento é emitido para obter brinquedos, eletrônicos ou alimentos. O segundo é a **\*\*Atenção\*\*** (reforçamento

positivo social), buscando reações verbais, olhares, abraços ou repreensões por parte dos pares ou cuidadores. O terceiro é a **\*\*Fuga ou Esquiva\*\*** (reforçamento negativo), visando adiar, atenuar ou encerrar demandas acadêmicas, tarefas domésticas ou estímulos sensoriais aversivos.

A quarta função é a **\*\*Automática ou Sensorial\*\*** (reforçamento intrínseco positivo ou negativo), na qual a própria execução do comportamento gera estimulações proprioceptivas prazerosas ou cessa desconfortos físicos e dores internas. Identificar qual dessas variáveis mantém o excesso comportamental é o requisito legal e técnico para o desenho de qualquer plano de intervenção comportamental (BIP).

**[IMAGEM 6.1: DIAGRAMA DAS QUATRO FUNÇÕES DO COMPORTAMENTO]**

Gráfico de pizza esquemático detalhando as funções operantes clássicas de Iwata: Atenção, Fuga, Tangível e Automática.

**Tabela 1 – Funções operantes e suas correspondentes intervenções em ABA**

<b>Função Mantenedora</b>	<b>Mecanismo de Reforço</b>	<b>Estratégia Antecedente (Manejo)</b>	<b>Estratégia Consequente (ABA)</b>
Acesso a Tangíveis	Adição de itens e atividades preferidas.	Uso de quadros de rotina visual e acordos de contingência ("Primeiro/Depois").	Extinção (não entregar o item se houver birra) + Treino de Comunicação Funcional (FCT).
Atenção Social	Adição de feedback verbal, contato físico ou reações de cuidadores.	Fornecer atenção não-contingente (NCR) em intervalos de tempo fixos.	Extinção (ignorar a conduta disruptiva se for seguro) + Reforçar pedidos de toque ou fala.
Fuga de Demandas	Retirada ou adiamento de tarefas e estímulos aversivos.	Reduzir a complexidade da tarefa, intercalar comandos fáceis e difíceis.	Extinção de fuga (manter a tarefa via ajuda direcionada) + Reforçar o pedido de "pausa".
Automática / Sensorial	Estimulação proprioceptiva intrínseca independente de mediação social.	Enriquecimento ambiental com estímulos sensoriais equivalentes adequados.	Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis (DRI) e bloqueio físico suave da resposta.

Fonte: Adaptado de Iwata et al. (1994), O'Neill et al. (2015) e IBRABA (2026).

## O Perigo Ético e Clínico das Abordagens Punitivas e Arbitrárias

Infelizmente, abordagens leigas e profissionais desatualizados recorrem frequentemente ao uso de punições arbitrarias e intervenções baseadas no isolamento coercitivo (ex: "cantinho do pensamento" de longa duração) ou gritos para conter crises. No Instituto Brasileiro de ABA (IBRABA), tais práticas são categoricamente contraindicadas e consideradas violações éticas graves. A punição arbitrária suprime temporariamente a resposta inadequada por meio do medo e do emparelhamento aversivo, mas falha gravemente por não ensinar nenhuma habilidade substitutiva funcional ao aprendiz.

Além de sua ineficácia desenvolvimentista, as práticas punitivas geram severos efeitos colaterais biológicos e comportamentais: eclosão de agressividade direcionada ao agente punidor, generalização de respostas de esquiva em relação ao ambiente terapêutico e escolar, e o desenvolvimento de ansiedade crônica. O manejo de comportamentos interferentes moderno apoia-se estritamente em procedimentos baseados no reforçamento positivo diferencial.

### Caixa explicativa 2 – A falácia da supressão aversiva

Punir a birra sem alterar a função do comportamento perpetua o ciclo de desregulação. O indivíduo continua necessitando comunicar um déficit; suprimir a conduta inadequada força o surgimento de respostas substitutivas piores.

Fonte: Adaptado de Iwata et al. (1994), Cooper, Heron e Heward (2020), Sidman (1989) e IBRABA (2026).

## Tabela 2 – Contraste entre manejo aversivo arbitrário e manejo funcional científico

Eixo Operacional	Manejo Comportamental Científico (IBRABA)	Manejo Aversivo Arbitrário (Senso Comum)
Direcionamento Técnico	Focado na manipulação de antecedentes e no ensino de FCT.	Focado na imposição de consequências punitivas após a falha.
Efeito no Repertório	Instala uma resposta adaptativa socialmente aceitável estável.	Apenas suprime temporariamente a conduta, sem ensinar nada novo.
Vínculo Terapêutico	Fortalece o pareamento positivo do terapeuta como agente reforçador.	Transforma o terapeuta e o ambiente em estímulos aversivos condicionados.

Fonte: Adaptado de Sidman (1989), O'Neill et al. (2015) e IBRABA (2026).

## Técnicas de Reforçamento Diferencial na Redução de Excessos

O arsenal do analista para a redução de comportamentos interferentes é composto pelas técnicas de reforçamento diferencial. Elas atuam de forma elegante: enfraquecem a resposta inadequada colocando-a em extinção, enquanto fortalecem simultaneamente respostas adequadas por meio da liberação contingente de reforço. O foco metodológico reside no Treino de Comunicação Funcional (FCT), capacitando o indivíduo a solicitar o que deseja sem recorrer à desregulação.

### Tabela 3 – Modalidades de Reforçamento Diferencial

Sigla	Definição Técnica	Mecanismo de Ação	Exemplo Clínico no IBRABA
<b>DRA</b>	Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos.	Reforça-se uma conduta funcionalmente equivalente, porém aceitável.	Reforçar a emissão do som "dá" e colocar em extinção o comportamento de apontar chorando.
<b>DRI</b>	Reforçamento Diferencial de Comportamentos Incompatíveis.	Reforça-se uma conduta que impede fisicamente a emissão da inadequada.	Reforçar o sentar-se com as mãos no colo, impossibilitando a conduta de morder os próprios dedos.
<b>DRO</b>	Reforçamento Diferencial de Outros Comportamentos (Omissão).	Libera-se o reforço se a conduta inadequada *não* ocorrer num intervalo de tempo.	Entregar um token a cada 2 minutos em que a criança permanecer sem emitir gritos vocais.

Fonte: Adaptado de Cooper, Heron e Heward (2020) e O'Neill et al. (2015).

### Caixa explicativa 3 – A soberania da Comunicação Funcional (FCT)

O FCT constitui a intervenção baseada em evidência mais poderosa da ABA para redução de agressões. Ao fornecer uma via de comunicação alternativa rápida e de baixo custo físico, o comportamento desafiador perde sua função utilitária.

Fonte: Adaptado de Carr e Durand (1985), Iwata et al. (1994) e IBRABA (2026).

## Estudo de caso clínico

Gael, 6 anos, diagnosticado com TEA Nível 3 de suporte, foi admitido na hub clínica do IBRABA exibindo episódios diários severos de destruição de propriedade (arremessar cadeiras, quebrar vidros de armários e arrancar cartazes das paredes) no ambiente da sala de recursos da escola municipal. A linha de base indicou uma taxa média de 8 episódios disruptivos por semana, gerando o

isolamento de Gael e chamados constantes para que a mãe comparecesse à instituição para retirá-lo da escola antes do término do período letivo.

A equipe de supervisores em ABA do IBRABA implementou um protocolo de avaliação composto por registros diretos do tipo ABC e uma entrevista funcional (FAAI) com as professoras. Os dados gráficos revelaram que 90% dos episódios destrutivos ocorriam imediatamente após a professora regente apresentar fichas de leitura ou exercícios de caligrafia ( $S^D$ ). A consequência padronizada da escola consistia em remover Gael da sala, levá-lo ao pátio externo e acionar a mãe via ligação telefônica ( $S^R$ ). A análise funcional revelou que o comportamento era mantido puramente por reforçamento negativo com função de **\*\*Fuga de Demandas Acadêmicas\*\***.

A intervenção do IBRABA reestruturou o ambiente escolar. Aplicou-se o procedimento de Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA) associado à Extinção de Fuga. Determinou-se que, diante dos atos destrutivos, as professoras não deveriam interromper a aula nem remover Gael do espaço (Extinção). A tarefa era mantida na mesa com dicas físicas totais. Paralelamente, Gael foi treinado intensivamente no uso do FCT: entregar um cartão emborrachado com o pictograma "Quero Pausa". Ao emitir essa resposta funcional adequada, a professora retirava imediatamente a folha de caligrafia e concedia 2 minutos de descanso no pátio. Em 8 semanas de protocolo rígido e focado em dados, os episódios de destruição patrimonial caíram a zero, e Gael passou a tolerar a realização de blocos de 15 minutos de atividades acadêmicas contínuas.

**Tabela 4 – Matriz de intervenção comportamental (BIP): Caso Gael**

Análise de Contingência	Cenário Histórico da Escola	Desenho Técnico Científico (IBRABA)	Modificação de Repertório Resultante
<b>Antecedente (<math>S^D</math>)</b>	Apresentação de folha de caligrafia complexa de forma abrupta.	Uso de cronômetro visual (*Time Timer*) + Redução inicial do número de linhas de escrita.	Aumento da previsibilidade ambiental e atenuação da aversividade da tarefa.
<b>Resposta (R)</b>	Arremessar cadeiras e arrancar cartazes.	Entrega independente do cartão emborrachado de "Pausa" (FCT).	Substituição de ato violento por resposta de comunicação funcional adaptativa.
<b>Consequência (<math>S^R</math>)</b>	Remoção da sala + Chamado da mãe (Reforço de Fuga).	Manutenção guiada da tarefa se houver quebra; concessão de pausa se usar o cartão.	Extinção completa da rota destrutiva e fortalecimento da autoadvocacia.

Fonte: Prontuários experimentais de plano de intervenção comportamental da Hub IBRABA (2026).

## Questões reflexivas

1. Exponha de forma detalhada as quatro funções primárias mantenedoras do comportamento operante, destacando a diferença entre funções sociais e automáticas.
2. No caso de Gael, explique como a conduta da escola de ligar para a mãe e retirá-lo da sala atuava como um mecanismo de reforço acidental.
3. O que postula a ciência ABA do IBRABA a respeito do uso de punições arbitrárias e quais são os principais efeitos colaterais descritos por Sidman (1989)?
4. Defina o Treino de Comunicação Funcional (FCT) e descreva sua importância ecológica no desenho de um plano de redução de excessos.
5. Diferencie o Reforçamento Diferencial de Comportamentos Alternativos (DRA) do Reforçamento Diferencial de Outros Comportamentos (DRO).

## Gabarito comentado

1. As funções dividem-se em sociais (mediadas por outra pessoa: atenção e acesso a tangíveis), fuga/esquiva (remoção de demandas aversivas sociais ou sensoriais) e automáticas (independentes de mediação externa; o próprio corpo gera o estímulo agradável ou cessa a dor proprioceptiva).

2. Ao removerem Gael da sala e acionarem a mãe para levá-lo embora diante do quebra-quebra, os profissionais entregavam exatamente o reforçador negativo que mantinha o comportamento: o alívio imediato e completo da demanda escolar aversiva. Isso aumentava a força biológica e a recorrência futura dos episódios.

3. O IBRABA contraindica o uso de punições arbitrárias por violarem preceitos éticos e não ensinarem repertórios adaptativos. Conforme Sidman (1989), a coerção gera efeitos nocivos como ansiedade crônica, respostas de fuga/esquiva do ambiente e comportamentos de contra-agressão física direcionados ao agente punidor.

4. O FCT consiste no ensino sistemático de uma resposta de comunicação funcional (vocal, gestual ou CAA) que substitui o comportamento interferente por possuir a exata mesma função ambiental. Sua relevância reside em dar autonomia ao sujeito, permitindo-lhe controlar o meio social sem o uso da força.

5. O DRA consiste em reforçar uma conduta alternativa específica e funcional enquanto coloca a inadequada em extinção. O DRO consiste em entregar o reforço se e somente se o comportamento inadequado \*não\* ocorrer durante um intervalo de tempo predefinido, independentemente do que a criança faça em substituição.

## Fechamento didático

O manejo de comportamentos interferentes exige do analista do comportamento do IBRABA precisão analítica e compromisso inegociável com a ética científica. Compreender que a desregulação possui uma função e remediá-la por meio do ensino de novas competências comunicativas transforma o ambiente em um espaço seguro de crescimento e inclusão real.

Munidos deste arcabouço de controle comportamental avançado, avançaremos no próximo módulo para as engenharias práticas da Intervenção Precoce no Autismo, explorando os modelos intensivos nos primeiros anos de vida.

## Referências Bibliográficas

Carr, E. G.; Durand, V. M. **Reducing behavior problems through functional communication training**. Journal of Applied Behavior Analysis, v. 18, n. 2, p. 111-126, 1955. DOI: 10.1901/jaba.1985.18-111.

Iwata, B. A. et al. **Toward a functional analysis of self-injury**. Journal of Applied Behavior Analysis, v. 27, n. 2, p. 197-209, 1994. DOI: 10.1901/jaba.1994.27-197.

O'Neill, R. E. et al. **Functional assessment and program development for problem behavior: a practical handbook**. 3. ed. Stamford: Cengage Learning, 2015.

Sidman, M. **Coercion and its fallout**. Boston: Authors Cooperative, 1989.